

EDITORIAL

Escrevo este editorial com o coração transbordando de alegria!

Alegria sim, pois embora 2017 tenha sido um ano de muito trabalho, foi de concretização dos objetivos propostos, de ampliação de oportunidades e também de continuação de coisas que já estão caminhando.

A linha editorial deste informativo contempla temas que acreditamos ser imprescindíveis para a atuação profissional do psicopedagogo, retrata as ações da diretoria da Seção neste semestre e sua produção é de exclusiva autoria de membros da Seção sejam eles Conselheiros ou Membros da diretoria.

Privilegiamos, desta vez, os autores da casa!

Ariane Zanelli e Mônica H. Mendes – conselheira eleita e conselheira vitalícia da Seção São Paulo – respectivamente, escreveram sobre a importância da Supervisão na e para prática profissional considerando-a como uma necessidade primordial e fundante do perfil do psicopedagogo.

Um pouco do muito que foi a nossa agenda cultural, com temas como Adaptação Curricular; Inclusão; Avaliação no contexto escolar e clínico; Avaliação Multidisciplinar e TDAH, está presente nos artigos e textos de Sílvia Amaral – conselheira estadual -, de Andrea Racy – membro da diretoria executiva -, de Cecília M. Faro e Ruth Nassiff – membros da diretoria executiva.

Sílvia afirma em seu artigo “quando pensamos de forma segmentada, estamos fragmentando o aluno também”, defendendo a avaliação interdisciplinar.

Andréa, conta sua experiência com a inclusão na escola em que trabalha como coordenadora pedagógica enfatizando a necessidade da parceria entre a escola e a família e da escola com os professores e com especialistas.

Cecília e Ruth, como membros da diretoria cultural relataram sobre o que ocorreu no workshop acerca da Adaptação Curricular mencionando sobre as ações, de pequeno porte e as de grande porte, necessárias para a efetivação da adaptação.

Também escreveram sobre o curso com Fátima Gola, que segundo elas, foi um curso que “favoreceu a participação dos inscritos e promoveu uma discussão sobre o papel do psicopedagogo na avaliação psicopedagógica”, bem como relataram o evento em que Suzana Gruspun, discutiu o TDAH, pela ótica da Psiquiatria e da Psicanálise.

Participamos a convite do Instituto ABCD, do “Dia D” da Semana da Dislexia de 2017, no dia 07 de outubro próximo passado, que abordou o tema “Unindo Saberes”, destacando a importância da integração de diferentes personagens nos processos de diagnóstico, tratamento e suporte da pessoa com dislexia.

Ainda em outubro aconteceu a Banca de Titularidade e a II Reunião Ordinária do Conselho Estadual, gestão 2017/2019, cuja pauta tratou, entre outros assuntos, das questões referentes às ações da diretoria, as reflexões e ações das comissões de trabalho. Valorizamos a formação continuada também nas reuniões do Conselho. Desta vez o momento Científico Cultural com o tema “**Conversando com as Famílias - uma visão construcionista social**”, esteve sob a batuta da fonoaudióloga e psicopedagoga Regina Irani Spirandeli Federico, que nos enriqueceu e atualizou sobre a importância da narrativa no âmbito familiar e para a prática psicopedagógica. Um pouco mais sobre esses dois eventos estão descritos no texto de autoria das meninas da diretoria cultural.

Quisemos ouvir a opinião dos adolescentes acerca de um filme. Demos voz e vez a jovem adolescente Júlia Nassiff para fazer uma resenha acerca do filme “**Como nossos pais**”. Júlia comenta e opina sobre aspectos relevantes abordados no filme e, faz um questionamento pertinente à atualidade: Não sei se o casamento é que ficou para trás ou o conceito de casamento mudou?

Dia 11 de novembro, comemoramos, em grande estilo, o dia do Psicopedagogo: trabalhamos pela manhã e nos divertimos à tarde.

Pela manhã, sob a coordenação de Sílvia Amaral de Mello Pinto e Sandra Lia Nisterhofen Santilli foi realizada a terceira reunião do Projeto Social onde, entre outros aspectos, se definiu as ações para o próximo ano.

No período da tarde aconteceu a 2ª Oficina de Jogos em parceria com Loja Pingo no I – Brinquedos Educativos com os jogos: **Yoté, Meu Jardim, Desafiamente e Pingo no I**. Jogamos, aprendemos e comemoramos o nosso dia!

Para encerrar os eventos e coroar este ano de trabalho, tivemos o lançamento do livro “**A Escola para Todos e para Cada Um**”, ocasião em que pudemos celebrar o feliz encontro da ABPP - Seção São Paulo com a ABPP - Nacional.

A indicação bibliográfica desta edição prestigia obra já reconhecida e dita obras recém lançadas.

Agradeço aos associados que, pela presença seja física ou virtual, tem contribuído para nossas reflexões.

Expresso aqui minha gratidão às “meninas maravilhosas e competentes” da diretoria executiva, aos membros do Conselho Vitalício pela permanente contribuição e, aos membros do Conselho Estadual, que sempre presentes, atuam em prol da Seção.

Encerro com um provérbio africano que diz: “**Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo**”.

Rumo a 2018 com esse grupo!

Feliz Natal e Próspero Ano Novo!

Forte abraço.

Cristina Natel

Presidente da ABPP Seção São Paulo – triênio 2017/2019.

AGENDA CULTURAL

1º semestre de 2018

Fevereiro: Projeto Social.

Março: Oficina de jogos.

Abril: Palestra.

Maiço: Curso – Matemática: teoria e prática e Conselho Estadual.

Junho: Banca de Titularidade.

A agenda cultural planeja, além deste calendário, mais dois projetos: “ABPP vai à Universidade” e “ABPP vai à escola”.

PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br
saopaulo@saopauloabpp.com.br
contato: 11 9.6416.1030



Neste espaço decidimos privilegiar o tema Supervisão. Para a diretoria da Seção São Paulo este é um tema de extrema relevância e para isso convidamos as psicopedagogas Mônica Mendes e Ariane Zanelli, que atuam como supervisoras no projeto social, cada qual com seu estilo, apontam sobre a importância da supervisão no trabalho psicopedagógico.

SUPERVISÃO EM TRÊS MOMENTOS

Ariane Zanelli, Pedagoga e Psicopedagoga, Conselheira da ABPP - Seção SP.

Estamos em um quarto fechado. Há portas.

A supervisão em psicopedagogia vem atender diferentes momentos da formação e da ação de um psicopedagogo. Mas afinal, qual é sua finalidade? Atende a quais interrogações? O que caracteriza sua demanda?

O presente artigo tem como objetivo promover o questionamento do lugar da supervisão em relação ao lugar/tempo do supervisionando.

A primeira porta.

Estamos em um curso de formação. Muitas teorias já se fizeram presente e é chegada a hora das primeiras práticas. Se a formação de um psicopedagogo acontece de forma responsável, estas primeiras práticas são obrigatoriamente acompanhadas do que é chamado Supervisão Clínica. Os alunos de psicopedagogia recebem então, a tarefa de atender aqueles que por alguma razão não aprendem ou se atrapalham em seus processos de aprender. Mas para isto, precisarão realizar uma avaliação diagnóstica, levantando hipóteses a partir de sua rede teórica do sentido do não aprender e submeterão suas ideias tanto a respeito do diagnóstico, quanto da intervenção psicopedagógica, ao seu supervisor clínico. Qual é então a função da supervisão neste caso?

Em se tratando da primeira porta, a supervisão neste momento, tem a função de proteger tanto o psicopedagogo em formação quanto o sujeito que ele atende, pois neste encontro há que se garantir que exista o mínimo espaço para ações irrefletidas ou experimentações inconsequentes. Não nos esqueçamos que há em curso emoções, autoimagem, fantasias relacionadas ao ato de aprender, vínculos, sentidos, estruturas, relações... enfim, vidas que não se recortam e paralisam para fins de aprendizado didático. Sendo assim, há um sentido obrigatório, pois, o supervisor irá orientar, subsidiar, questionar, corrigir... ou seja, limitar os riscos de um diagnóstico e intervenção desqualificados.

Examinando a supervisão neste momento, parece bastante clara sua necessidade quando ainda se é um aprendiz do ofício.

Avancemos. Agora temos um certificado que diz que estamos aptos e autorizados a abrir nosso consultório. Compramos materiais, livros, jogos, conseguimos que alguém nos indique e nos procure. Dedicamo-nos com rigor às teorias, mas...

A segunda porta.

Qual o significado da criança não ter conseguido atingir a conservação de quantidade em uma das Provas Piagetianas? Por que ela desenha ocupando só o cantinho esquerdo da folha? Por que usou tantas cores se no final cobriu de preto seus desenhos? Qual a relação dela ter compreendido tão bem as regras do jogo, podendo até mesmo explicar, se quando joga, rouba ou joga todas as peças pelo chão esmurrando a porta chamando pela mãe?

Como estes dados se inter-relacionam? O que isto tem a ver com o fato dela não estar avançando em suas hipóteses de escrita? O que tudo isso tem a ver com a anamnese quando a queixa da mãe era sobre enurese noturna e não sobre a dificuldade escolar? Qual lugar esta criança ocupa no discurso dos pais?

Então a clínica nos desafia.

Surge o momento que vamos em busca de ajuda para nos perguntarmos diante do outro sobre o que estamos fazendo.

E as perguntas inicialmente vão desde quais testes devemos usar ou se usamos corretamente, perguntamos sobre as relações estabelecidas ou não estabelecidas, sobre nossas hipóteses, sobre correções de percurso, sobre as devolutivas, sobre a escuta da família, se demos voz ou não ao sujeito, sobre o relatório, se é ou não um caso para a psicopedagogia e também discutimos sobre as questões éticas presentes.

Aos poucos, com coragem e rigor, vamos nos aprofundando no sentido do que fazemos e perguntamos a quem estamos atendendo checando com valentia se estamos atendendo às demandas familiares - da escola e por vezes a nossa - mais até que as demandas do próprio sujeito.

Hora também de examinar por quê nossas intervenções não estão resultando em progressos, o que não flui e por quê, olhando com atenção para o manejo da transferência e contratransferência durante os atendimentos.

A transferência é um conceito psicanalítico que diz respeito àquilo que o sujeito tende a reviver, a repetir; são os desejos, ou impressões dos primeiros vínculos que são atualizados na experiência terapêutica; é aquele algo vivido como experiência passada que irá se atualizar e as figuras parentais ou seus substitutos serão transpostos para o terapeuta - o psicopedagogo no nosso caso.

Em psicopedagogia, o que se transfere é o modo como o sujeito se vincula com o objeto de conhecimento e com o representante figural do ensinante. É imprescindível tentar entender o que se passa nesta relação transferencial, examinar o que está sendo reproduzido e qual lugar estamos sendo colocados pelo sujeito. É necessário não repetir o molde relacional anterior, aquela matriz, para oferecer novas possibilidades criando outras formas de se estar na relação de aprendizagem. A compreensão da transferência não é algo facilmente manejável.

É chegada então, a hora de aprender um exercício fundamental, *“Depois de ter encontrado um ponto suficientemente próximo para ver o detalhe e suficientemente afastado para ter uma visão de conjunto, isto é, após ter encontrado a necessária distância, Ferenczi define a transferência como o fenômeno psicanalítico por excelência, mas também como um fenômeno bastante frequente, que se encontra na base de toda relação humana...”* Landa, F. Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise. Editora Unesp. 1998. p23.

E é fundamental que a presença do supervisor nos auxilie nessa nova etapa do trabalho em supervisão. É ele quem nos ajudará a encontrar este ponto por meio de idas e vindas, reconstruindo conosco por meio da palavra aquilo que foi vivido.

Sara Paín fala brilhantemente sobre isso, referindo-se à criança e seu desenho do corpo e podemos facilmente estabelecer uma analogia desse momento de supervisão, *“Para que a criança possa recuperar esse eu, ela tem de conseguir se distanciar do desenho, se distanciar do que faz. Isto é muito importante. Aqui, o protótipo de ação que permite a recuperação da obra é a ação artística... Do gesto ao olhar. Esse é o vaivém necessário à aprendizagem. Se a criança faz uma coisa e não a olha mais, falta-lhe algo para aprender. Falta-lhe uma ação, uma atividade necessária para voltar e integrar.”* Paín, S. Subjetividade e Objetividade. Relações entre Desejo e Conhecimento. CEVEC. 1996.

À continuidade, Sara Paín diz da importância de um intervalo de recuperação, que seria como um voltar-se sobre si mesma. E é assim, que o trabalho de supervisão se dá, permitindo ao supervisionando se interrogar sobre sua obra, sobre seus aspectos particulares, sobre o que fala a contratransferência.

A contratransferência é algo que vai além de uma reação ou resposta emocional do psicopedagogo, é o suscitado a partir das questões apresentadas pelos pacientes, pode ser uma resistência, uma identificação, raiva... ela é parte desse processo e pode ser útil na compreensão da cena psicopedagógica. Mas não é fácil encontrá-la, justamente porque estamos imbricados nesta cena. Afinal, sabemos que a subjetividade está presente tanto no sujeito quanto no psicopedagogo, e ela exerce influência, portanto fazer análise e supervisão é muito importante para evitar influências desnecessárias ou que obstaculizem o trabalho psicopedagógico. Assim sendo, o trabalho de supervisão ajuda a nos distanciarmos a um ponto suficientemente próximo que nos permita olhar o detalhe e suficientemente distante que nos permita ver o conjunto num vaivém que, recuperando a obra, possamos integrá-la. Ao mesmo tempo em supervisão, temos a oportunidade de examinar o que do outro e o que nosso, está em jogo.

A terceira porta.

O tempo passou, aprendi a usar as técnicas e ferramentas disponíveis, aprendi a examinar a relação, verifico os pontos cegos, estou sempre alerta me perguntando quem está em cena e quem estou atendendo, quais lugares estão sendo ocupados e por quem, é hora verificar se a supervisão está mesmo introjetada, no processo de introjeção, me constituo, proponho representações, fantasias, apropriação de sentido, povoando meu aparato psíquico e assim, me defendendo diante do desamparo se meu supervisor/a não estiver presente.

É a minha supervisão dentro de mim, numa circularidade que me diz o tempo todo: esteja atenta, esteja ligada, esteja em diálogo constante, recupere e analise, retome, examine, você sabe fazer perguntas e não está só.

É quando podendo nos despedir, não nos sentimos vazios. Há algo que está lá – é este o sentido da supervisão que pretendi trazer à tona neste texto.

SUPERVISÃO: UMA LEITURA DA PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA

Prof^a Ms. Mônica Mendes, Conselheira Vitalícia ABPp –Nacional Conselheira Vitalícia ABPp - Seção SP- nº 1Pedagoga, Psicopedagoga, Terapeuta de Casal e Família, Mestre em Psicologia, Docente em cursos de Graduação (licenciatura) e Pós Graduação Lato Sensu, Orientação profissional, Orientação de monografias - Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7952978899065093>
<http://psicopedagogiacontemporanea.blogspot.com.br/>

A supervisão de um trabalho é a joia preciosa da atuação profissional, fato que nem sempre é lembrado pelo protagonista da ação psicopedagógica. Entendo a supervisão como uma “conversação”, termo extraído do construcionismo social onde é usado como uma forma de “conversar em torno de”, uma questão a qual pode ser uma dúvida teórica, um esclarecimento sobre a melhor estratégia, o melhor instrumento de avaliação a ser utilizado ou ainda o melhor meio de iniciar a uma intervenção.

Sempre alertamos aqueles que se preparam para iniciar sua atuação profissional nesta área, para que também, “trabalhem” com suas próprias dificuldades de aprendizagem, preferencialmente em um contexto terapêutico para que possam desconstruir suas crenças em relação a certos dogmas que porventura tenham sido transmitidos tanto no âmbito familiar, como no escolar. Portanto, ao procurar uma supervisão, o profissional busca em mais um contexto, garantir um trabalho eficaz e discriminado de sua história pessoal, podendo assim, ressignificar possíveis “fraturas” de sua interpretação do caso que atende.

Em um contexto de supervisão, o grande destaque é a narrativa de quem procura a interlocução para que a escuta do profissional, com mais experiência, mas acima de tudo com um olhar e uma escuta bem apurados, possam estabelecer uma significação aos pensamentos e hipóteses daquele que busca um sentido ao seu fazer. A partir da escuta de apresentação do caso, a conversa é conduzida de forma reflexiva, isto é, gerando espaços que permitam ao sujeito (re)pensar suas crenças em relação ao caso em discussão. O supervisor é um parceiro com quem podemos dividir nossas dúvidas e, até mesmo nossas inseguranças, com a sensibilidade necessária para ampliar o processo de aprendizagem daquele que se submete a este trabalho.

Se considerarmos o significado da palavra supervisão, constatamos que deriva de supervisionar, isto é, dirigir, orientar, portanto, propiciar uma ação psicopedagógica mais competente e responsável. Todo trabalho é subsidiado por um embasamento teórico, o que dará mais segurança para quem recebe e mais objetividade para quem supervisiona, possibilitando ancorar a prática de forma coerente e reflexiva.

Reafirmamos então, que o papel do supervisor é nutrir os profissionais com um agir mais reflexivo e atento à ética psicopedagógica, pois este é um espaço de troca de conhecimentos, crescimento pessoal, desenvolvimento de uma metacognição em relação ao próprio fazer. Portanto, é importante reconhecer que a própria supervisão é uma **intervenção psicopedagógica!**

ESPAÇO ABERTO

Neste espaço divulgamos artigos, estudos e relatos de experiência da psicopedagogia prestigiando diferentes autores.

AValiação MULTIDISCIPLINAR OU INTERDISCIPLINAR?

Silvia Amaral de Mello Pinto - Pedagoga/Psicopedagoga - Conselheira da ABPp Seção São Paulo.

Vivemos, atualmente, um momento de consciência para respeitarmos as diferenças, sejam elas quais forem, desde simples opiniões até jeitos de ser e estar no mundo. Nesse contexto, a escola abriu-se mais para acolher os alunos, não apenas pelas leis.

As pessoas são únicas e suas reações aos diferentes estímulos são imprevisíveis. Algumas vezes os fatores externos, ambientais, sejam eles oriundos da escola ou da família, podem interferir. Por outro lado, fatores internos do próprio sujeito, como os orgânicos, cognitivos ou emocionais, também podem ser causa de entraves no processo de aprendizagem, prejudicando a cognição. Cabe à escola fazer essa primeira análise, observando melhor essa criança ou jovem, conversando com estes, levantando dados junto aos professores e criando estratégias para solucionar os problemas. Igualmente importante é chamar a família para um encontro, e, através deste, dados podem ser colhidos para ajudar na superação dessas dificuldades.

Se, após tomadas todas essas iniciativas, não houver mobilização do sujeito e minimização dos sintomas percebidos, é hora de recorrer a uma ajuda externa, com o objetivo de identificar quais são as causas das dificuldades. O olhar de um profissional que esteja distante daquela situação, pode ser favorável, por ser neutro. É isso que a escola quer quando solicita uma avaliação do aluno (a) à família.

Nesse momento surge a dúvida: qual avaliação? Encaminhamos para um(a) psicopedagogo(a), já que existe interferência na aprendizagem? Ou para um(a) psicólogo(a), pois parece que os aspectos emocionais são importantes? Por que não

um neuropsicólogo (a), afinal será que esse aluno não tem prejuízo em alguma função específica? Ou um (a) fonoaudiólogo (a), para avaliar a linguagem?

Quando pensamos de forma segmentada, estamos fragmentando o aluno também. É possível se avaliar um sujeito sob o olhar de uma especialidade? Com certeza, sim. Entretanto, se o encaminhamos para uma avaliação com um profissional, estaremos retardando as conclusões necessárias. Mesmo considerando a Psicopedagogia, que é uma especialidade eminentemente transdisciplinar, com um olhar que transita entre diferentes áreas, precisamos considerar que temos as nossas restrições, pertinentes ao limite do nosso conhecimento e da nossa autorização ou não na aplicação de determinados instrumentos de avaliação.

Além disso, o diagnóstico dos Transtornos Específicos de Aprendizagem é, muitas vezes, de exclusão, precisando que alguns funcionamentos do indivíduo sejam confirmados ou refutados para se chegar à conclusão do que está acontecendo. Após o término da avaliação, é possível se encaminhar o sujeito para outros profissionais. Mas não será melhor, mais rico, mais preciso e mais eficiente se já se partir de uma avaliação interdisciplinar? Mais do que a avaliação multidisciplinar, que é composta de várias avaliações com vários profissionais de diferentes áreas de atuação, a interdisciplinar vai além. Pressupõe uma só avaliação, integrada, pensada em conjunto, discutida durante todo o processo, compartilhando observações e informações para se chegar a um diagnóstico diferencial e um único relatório sobre o sujeito.

Avaliamos para poder diagnosticar. Esse é o papel do profissional na clínica: fazer uma análise da situação e diagnosticar os problemas e suas causas. Desta forma, os profissionais procuram compreender o indivíduo em suas várias dimensões para identificar o que está acontecendo.

A palavra *diagnóstico*, etimologicamente, vem do grego *diagnostikós* em que “*dia*” significa “por meio de” e *gnostikós* é “conhecimento, entendimento”, ou seja, podemos dizer que o diagnóstico interdisciplinar é o caminho por meio do qual se chega ao conhecimento e entendimento sobre o sujeito, de forma holística. Através dele, a criança, jovem ou adulto que nos chega poderá ser conhecida e se conhecer e, assim, superar suas dificuldades.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andréa de Castro Jorge Racy, Pedagoga, Psicóloga, Psicopedagoga, Coordenadora Pedagógica da Kinder Kampus – Educação Infantil Bilingue e Diretora Secretária da ABPp Seção São Paulo.

Trabalho há 20 anos na Coordenação Pedagógica e Orientação Educacional em escolas particulares da cidade de São Paulo. Tenho formação em Pedagogia, Psicologia e especialização em Psicopedagogia.

Ao longo deste tempo, acompanho as mudanças e novidades com relação à inclusão escolar e procuro trabalhar auxiliando e orientando a equipe pedagógica e as famílias dos alunos com relação ao processo de aprendizagem.

Com um olhar psicopedagógico, observo cada criança como um ser único e global, pesquisando seus interesses, suas habilidades, sua rotina familiar e acompanhando a sua vida escolar.

Em minha equipe, os professores são os parceiros que tomam a frente para entender a individualidade e a singularidade. Precisamos estar abertos para enfrentar os novos desafios e dispostos a estudar cada caso, conhecer os profissionais que participam do processo de acompanhamento e desenvolvimento, estabelecer parcerias com as famílias e profissionais especialistas, acompanhar e buscar meios que facilitem o processo de aprendizagem do aluno. Devemos ficar atentos para não rotular, pois pequenas diferenças podem ser modificadas apenas com orientação comportamental.

O trabalho preventivo é bom e a intervenção precoce também. Cabe à escola fazer um planejamento com objetivos eficazes que possam auxiliar no processo do aluno para o desenvolvimento das funções executivas, das habilidades cognitivas, sociais e emocionais, e sua integração ao grupo.

A escola com certeza tem mais dados e meios para observar as crianças e perceber as diferenças acompanhar cada caso, fazer intervenções adequadas e adaptação curricular sempre que necessário. Cabe à escola flexibilizar, adequar o currículo, sem, entretanto, simplificá-lo. As necessidades dos alunos precisam ser atendidas em sua individualidade, respeitando e atendendo as suas limitações, oferecendo acesso aos conteúdos, para ampliar o repertório. Nesse processo, a parceria escola X família X especialistas é fundamental e com o envolvimento de todos, acontecem avanços e aprendizagens.

O prazer em poder fazer a diferença e ser um agente transformador no desenvolvimento da criança é gratificante.

Finalizo o relato lembrando a importância da educação permeada de afeto, fortalecendo o vínculo professor X aluno, como facilitador do processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. A educação inclusiva faz parte de nossa realidade, se apresenta como uma ação complementar, transversal ao ensino comum. O caminho é árduo, por vezes tenso e nem sempre o grupo que convive com uma criança de inclusão se sente seguro, mas nas diferenças,

podemos trabalhar valores morais e habilidades emocionais com as crianças. Aprendemos com elas, pois suas atitudes. Muitas vezes nos mostram caminhos simples, significativos e de amor.

Esse é o encantamento da educação e me sinto privilegiada por fazer parte desta área de trabalho.

ACONTECEU

Neste espaço registramos, por ordem de realização, os três eventos promovidas pela ABPp Seção São Paulo, no segundo semestre de 2017.

1.º EVENTO:

ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA ALUNOS COM TRANSTORNOS NEUROPSIQUIÁTRICOS

Renata Trefiglio Mendes Gomes

No dia 20/07/17, a diretoria Executiva da ABPp Seção São Paulo, participou do workshop sobre Adaptação Curricular, sob um enfoque funcional e integrativo ministrado pela neuropsicóloga Renata Trefiglio Mendes, na busca por atualizações como parte da nossa formação permanente.

O conhecimento da adaptação curricular pelo profissional possibilita colaborar na orientação das escolas para melhor integrar os alunos considerados como inclusão, o que facilita integração nas questões acadêmicas, e traz benefícios para a adaptação de cada um no grupo.

As ações podem ir desde uma modificação de pequeno porte, que pode ser feita pelo próprio professor, que altera e/ou adapta os processos de avaliação, ou de grande porte, que envolve a instituição como um todo e até a política educacional.

O mais importante é a reflexão para que cada um seja acompanhado e respeitado na sua individualidade, competências e dificuldades e principalmente garantindo o direito de participar do processo de educação, com os instrumentos que dispõe, mas não o impedem.

Renata Trefliglio Mendes Gomes - renatatmgomes@gmail.com

Pedagoga, Psicopedagoga, Especialista em Neuropsicologia, Mestre em Ciências pelo Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência, Doutoranda do Departamento de Child, Youth and Family Studies da Universidade de Nebraska (UNL/EUA)

2.º EVENTO

AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO CONTEXTO ESCOLAR E CLÍNICO – UMA DISCUSSÃO

Fátima Gola

No sábado, dia 19/08/2017, a psicóloga e psicopedagoga Fátima Gola, ministrou um curso sobre Avaliação Psicopedagógica na sede da ABPp Seção São Paulo.

Refletimos, entre outros temas, sobre a expectativa da escola quando solicita um diagnóstico psicopedagógico, as interferências do comportamento no desempenho acadêmico.

A escola foi denominada não apenas como uma instituição de aprendizagem, mas também aquela que tem uma importante função social onde a troca e as construções internas acontecem.

É certo, que por vezes, o impedimento da cognição é afetado por questões psíquicas ou biológicas, que dizem respeito à atuação psicopedagógica, fato que não deve ser esquecido durante a avaliação.

Como tirar o sujeito da imobilidade para que, no movimento, a criança possa aprender?

Eis uma questão que permeia as reflexões do psicopedagogo. Em nossas ações, lidamos com estes conflitos para que cada um tenha a percepção dos próprios recursos e a partir deles busque as ações na direção do próprio saber.

O curso não ficou limitado a nomes ou instrumentos. Nosso encontro foi produtivo e a discussão ampla. A participação de todos os presentes, enriquecida pela troca de experiências, acrescentou e trouxe vários relatos sobre avaliação Psicopedagógica, que é o ponto de partida para o acompanhamento do nosso cliente.

Pedagoga, Psicopedagoga. Consultora em escolas para orientadores e professores.

Fátima Gola - fatimagola@uol.com.br

Pedagoga, Psicopedagoga. Consultora em escolas para orientadores e professores. Exerceu função de docente na Escola Vera Cruz e curso de Psicopedagogia com Ana Maria R. Muñis.

3.º EVENTO:

DIFERENTES OLHARES PARA PENSAR O TDAH – NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

No dia 28 de setembro, recebemos a psicanalista e psiquiatra Suzana Grunspun, em parceria com a Colmeia – Instituição à serviço da juventude.

Suzana propôs a reflexão sobre a atuação do Psiquiatra e Psicanalista e como contribuir para compreender e aprofundar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

O TDAH é um diagnóstico que qualifica uma síndrome (Cypel, 2007). Em medicina corresponde a um conjunto de sinais e sintomas que precisam de esclarecimento para uma opção de acompanhamento. A Psicanálise pode ser uma das escolhas, entre outras medidas para se abordar o problema como as psicopedagógicas, farmacológicas ou outras modalidades de terapia (Suzana, 2017).

Os sintomas do TDAH expressam-se de múltiplas maneiras e podem ser exclusivos ou associados e decorrentes de uma intolerância à frustração advinda das relações estabelecidas no começo da vida, principalmente dos ritmos de cuidados primários entre a mãe e o bebê. Se o ritmo interno do bebê não puder ser bem estabelecido, essas crianças no futuro poderão apresentar dificuldade em prestar atenção necessária ou ter uma atividade motora mais acentuada como sintomas. (Winnicott, W. D., 1962).

Cabe ao profissional entender o grau de sofrimento de cada um e não pensar somente na classificação e etiologia, ele é um especialista que sabe investigar profundamente a história do paciente e dar a ela um entendimento particular. (Winnicott, 1962). O atendimento em análise promove o desenvolvimento emocional do sujeito possibilitando a elaboração dos seus conflitos. Desta forma, poderá criar condições de ampliar a continência interna da criança e o amadurecimento psíquico para tolerar as frustrações e assim desenvolver sua capacidade de reflexão conseguindo aos poucos controlar a impulsividade.

A escolha do uso da medicação é uma importante preocupação. Atualmente, existe uma pressão social e familiar bem grande para essa busca. Seu uso pode ser sintomático, mas as indicações irão variar mediante a apresentação de sintomas.

É importante manter também os atendimentos terapêuticos. Nesses casos haverá benefício e a análise poderá se desenvolver com maior chance de sucesso. (Salomonsson, B. 2008).

Suzana Grunspun - Médica. Psiquiatra. Psicanalista. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psicanalista de criança e adolescente filiada à International Psychoanalytic Association (IPA). Docente do Curso de Criança e Adolescentes do Instituto Durval Marcondes da SBPSP. Secretária do Setor de Psicanálise de Criança e Adolescentes do Instituto Durval Marcondes-Biênio 2015/2016.

Cecilia G. M. Faro

Ruth Nassiff

Diretoria Cultural ABPp Seção São Paulo

PROJETO SOCIAL

No dia 11 de novembro, aconteceu a Reunião do Projeto Social da ABPp Seção São Paulo, sob a coordenação de Cristina Natel, Sílvia Amaral de Mello Pinto, Sandra Lia Nisterhofen Santilli, e Carla Labaki, da comissão do projeto. Estiveram presentes as associadas participantes do projeto, do interior e da capital, reunidas com suas supervisoras e a diretoria da Seção São Paulo. Foi uma manhã muito gostosa, produtiva e rica em trocas entre os integrantes do projeto. Discutiram-se as novas ações e os novos rumos do projeto para 2018. Em seguida foi apresentada, caso a caso, a evolução dos atendimentos realizados durante o semestre.

Foi decidido que em fevereiro de 2018 haverá a chamada para a adesão de novas associadas participarem do projeto.

Este projeto tem como objetivo:

- Favorecer / possibilitar às camadas sociais menos favorecidas, o acesso ao trabalho psicopedagógico.
- Prevenir, minimizar e remediar as consequências da não aprendizagem de alunos das camadas sociais menos favorecidas.
- Estimular o associado para o aprimoramento do exercício profissional por meio da prática supervisionada.
- Documentar as atividades do projeto social ABPp - Seção São Paulo fomentando a pesquisa e a produção científica.

Os critérios de participação do Projeto são:

O psicopedagogo voluntário, deverá ser associado à ABPp SEÇÃO SÃO PAULO. Poderá ser: estudante de Psicopedagogia, com necessidade de fazer estágio supervisionado, para complementar a sua formação; recém-formado, com necessidade de iniciar e garantir experiência profissional; profissional experiente que deseje dar a sua contribuição ao Projeto Social. O associado atuará em um local da comunidade, de sua livre escolha. O atendimento deverá ser de, no mínimo, para uma criança e/ou adolescente, por uma hora semanal, em cada semestre do ano vigente. O atendimento será voluntário e cada um deverá assinar um termo de compromisso para aderir ao projeto. Cada encontro será registrado e o relatório partilhado com os associados titulares nos encontros de supervisão e ao final haverá a produção de artigo científico. O trabalho psicopedagógico é regido pelos princípios do Código de Ética da ABPp.

Deixamos aqui um convite a você associado ABPp SP: venha participar deste grupo!

Fonte: <http://www.saopauloabpp.com.br/abpp-sao-paulo-associados-titulares.html>

Rebeca Lescher – Vice Presidente ABPp Seção São Paulo e Supervisora Voluntária do Projeto Social.

BIBLIOTECA

Indicamos livros didáticos:



“A Escola para todos e para cada um” – Andrea Pinto, Augusto Galery (org.), Deigles Giacomelli Amaro, Edith Rubinstein e Patrícia Vieira – Summus Editorial, 2017.



“Dislexias do Desenvolvimento e Adquiridas”, de Jerusa Fumagalli de Salles e Ana Luiza Navas Editora Pearson Clinical Brasil, 2017.



“Por uma educação com alma: a objetividade e a subjetividade nos processos de ensino-aprendizagem”- **Beatriz Scoz (org.), Aglael L. Borges, Eda M. Canepa e Roberto Gambini, 2000.**



“Protocolo de Identificação Precoce dos Problemas de Leitura - IPPL” – Simone Aparecida Capellini Alexandra Beatriz Portes de Cerqueira César Giseli Donadone Germano – Editora Book Toy, 2017.

RESENHA

RELATO DE OPINIÃO SOBRE O FILME “COMO NOSSOS PAIS”

Por Júlia Nassiff – estudante do 3º Ano do Ensino Médio.

Assisti ao filme “Como nossos pais”... ele retrata a realidade ..., mais ou menos..., uma pequena parcela da nossa população brasileira, pois a maioria está longe de viver aquela realidade, a maioria nem chega a ter aquela condição de vida. Pequena parcela, mas que conjuga entre a família idealizada e a família retratada. Filme que mostra a mulher atuante no trabalho e em casa, nas relações com os filhos e marido e em paralelo vivência problemas pessoais de sua história de vida e a vida como ela é!

O outro viés do filme, caminha pela relação do casal, quando o marido e pai das crianças, não atua como poderia e ainda demonstra um caso paralelo, extraconjugal ao seu relacionamento, o que é comum. Na vida real, ambos, mulheres e homens vivem casos paralelos ao casamento, casos e casais parciais, e o casamento fica muito a desejar.

Não sei se o casamento que ficou para trás ou o conceito de casamento mudou por essa sociedade atual e contemporânea?

O pai compra a pizza para os filhos enquanto a mãe fica com toda a responsabilidade da casa (administração) e filhos. Vida cruel!!!!

Quando será que teremos pais homens atuantes na vida da família e coparticipantes e partilhando as tarefas igualmente às mães. Hoje, é mais comum os pais ajudarem nas tarefas da família, mas também é uma porcentagem menor de mães que se sobrecarregam com a casa, família, trabalho etc.

Ainda, o filme revela a relação intensa entre uma mãe e sua filha já na vida adulta, parece-me a cumplicidade que no início é escondida e depois, expõe-se pela mãe mais velha, avó - de quem é o pai da filha??? Verdade revelada e a filha (que hoje é a mãe) entra em crise. A crise faz parte das relações pessoais e elas nos ajudam a amadurecer diante de nossos problemas e na tentativa de buscarmos novas soluções.

E quem disse que a vida não é um jogo, um jogo com estratégias em que temos que aprender a jogar, competir, às vezes, ganhamos ou ora perdemos, mas há empate, também. "C'est la vie"?

Fica a dica: para quem trabalha na área das humanas, é bom assistir para analisar a família nos tempos atuais.

Sinopse:

COMO NOSSOS PAIS (Brasil, 2017)

Ficção. De Laís Bodanzky. Com Maria Ribeiro, Clarisse Abujamra, Paulo Vilhena, Felipe Rocha. Rosa é uma mulher que tenta ser perfeita em todos os âmbitos da sua vida. Quanto mais busca acertar, mais é pressionada para ser engajada, moderna e onipresente, uma super-mulher sem falhas nem vontades próprias. Como Nossos Pais estreou na mostra Panorama do 67º Festival de Berlim e conquistou seis prêmios no Festival de Cinema de Gramado, incluindo o de melhor filme.

102 min | 14 anos | Imovision

Fonte:

http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6499:lais-bodanzky-lanca-seu-premiado-como-nossos-pais-no-cinema-da-fundacaomuseu&catid=44:sala-de-imprensa&Itemid=183



EXPEDIENTE - DIRETORIA 2017 / 2019

PRESIDENTE: Maria Cristina Natel

VICE-PRESIDENTE: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

DIRETORA SECRETÁRIA: Andréa de Castro Jorge Racy

DIRETORA SECRETÁRIA ADJUNTA: Márcia Maria Machado Monteiro

DIRETORA FINANCEIRA: Helena Maria Barbosa da Silva

DIRETORA FINANCEIRA ADJUNTA: Ymei Uvo e Sá Trench

DIRETORA CULTURAL: Ruth Nassiff

DIRETORA CULTURAL ADJUNTA: Cecilia Gereto de Mello Faro

DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Wylma E. Teixeira Ferraz Lima

DIRETORA ADJUNTA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Maria Lúcia Moura Caruso

PROJETO SOCIAL:

COORDENADORA DO PROJETO SOCIAL: Sílvia Amaral de Mello Pinto

COORDENADORA ADJUNTA DO PROJETO SOCIAL: Sandra Lia N. Santilli

CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Claudia Maria Laureano Moreno

Cristiane Cássia Moura

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Rosana Maria Pereira Borges

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

CONSELHO FISCAL:

Anete Hecht

Ernani Pereira Junior

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da

ABPp SEÇÃO SÃO PAULO

EDITORA DE REDAÇÃO: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL: Andréa de Castro Jorge Racy e Ruth Nassiff

REVISÃO: Rodrigo Bélgamo Gregório da Silva

TIRAGEM: 500 exemplares

CRIAÇÃO E IMPRESSÃO: KOSMOGRAF



Associação Brasileira de Psicopedagogia
Seção SÃO PAULO



Associação Brasileira de Psicopedagogia
Seção SÃO PAULO